

Escravidão Negra: origens e o tráfico de escravos;

Texto 1: Texto Informativo – Um lucrativo negócio

Dicky Sam, apelido de um escritor de Liverpool descreveu assim o navio negreiro: "O capitão brutaliza os homens, os homens torturam os escravos, o coração dos escravos se afoga em desespero".

O navio negreiro foi uma peça fundamental para a acumulação de riquezas em nossa história. Ajudou a tomar terras e a expropriar milhares de pessoas.

O barco era uma prisão; As mortes faziam parte de um negócio que, se tudo corresse bem, podia garantir aos traficantes um lucro de 100%. Estimativas de um governador americano do estado da Virgínia eram ainda maiores: o lucro com o tráfico de escravos variava de 600% a 1.200%. O destino mais lucrativo para os negreiros era o Brasil.

Portanto, não é por menos que o Brasil foi o campeão mundial da escravidão moderna, a dolorosa base de construção de nossa sociedade. Na véspera da Independência, em 1820, dois terços da população eram de escravos; de 1790 a 1830, o comércio de escravos representava dois terços de todas as importações brasileiras. Só nesse período, desembarcaram no Rio 700 mil africanos. O Rio de Janeiro foi a maior cidade escravista do mundo desde a Roma antiga.

Texto 2: Documento histórico - Relato do ex-escravo Mohammed Garbo Baquaqua, escrito em 1854.

Seus horrores, ah! Quem pode descrever? Ninguém pode retratar seus horrores tão fielmente como o pobre desventurado, o miserável desgraçado que tenha ali sido confinado. (...) Fomos arremessados, nus, porão adentro, os homens amontoados de um lado e as mulheres do outro. O porão era tão baixo que não podíamos ficar em pé, éramos obrigados a nos agachar ou a sentar no chão. Noite e dia eram iguais para nós, o sono nos sendo negado devido ao confinamento de nossos corpos. Ficamos desesperados com o sofrimento e com o cansaço.

Oh! A repugnância e a imundície daquele lugar horrível nunca serão apagadas de minha memória. Não. Meu coração até hoje adoece em pensar nisto.

A única comida que tínhamos durante a viagem foi milho velho cozido. Não posso dizer quanto tempo ficamos confinados assim, mas pareceu ser muito tempo. Sofríamos muito por falta d'água, que nos era negada na medida de nossas necessidades. Um quartilho por dia era tudo que nos permitiam e nada mais. Muitos escravos morreram no percurso. Houve um pobre companheiro que ficou tão desesperado pela sede que tentou apanhar a face do homem que nos trazia água. Foi levado ao convés e eu nunca mais soube o que lhe aconteceu."

Quando qualquer um de nós se tornava rebelde, sua carne era cortada por uma faca e o corte esfregado com pimenta e vinagre para torná-lo pacífico (!). Como demais, fiquei muito mareado de início, mas nosso sofrimento não causou preocupação alguma aos nossos brutais donos. Nosso sofrimento era somente da nossa conta".

Atividade:

- 1) Explique, com suas palavras, os motivos que levaram a colônia brasileira a utilizar a mão de obra escrava e negra ao invés da mão de obra escrava indígena ou a assalariada.
- 2) Após ler o relato de Baquaqua sobre a travessia do atlântico num navio negreiro com o quadro "Navio Negreiro", observe o quadro "Navio Negreiro", do pintor alemão Johann Rugendas. Exemplifique diferenças e semelhanças entre as duas descrições. Observe a relação dos escravos com os homens brancos, o espaço disponível no navio, a disposição dos homens e mulheres e no que mais que você perceber.



Escravidão Negra: origens e o tráfico de escravos;

Texto 1: Texto Informativo – Um lucrativo negócio

Dicky Sam, apelido de um escritor de Liverpool descreveu assim o navio negreiro: "O capitão brutaliza os homens, os homens torturam os escravos, o coração dos escravos se afoga em desespero".

O navio negreiro foi uma peça fundamental para a acumulação de riquezas em nossa história. Ajudou a tomar terras e a expropriar milhares de pessoas.

O barco era uma prisão; As mortes faziam parte de um negócio que, se tudo corresse bem, podia garantir aos traficantes um lucro de 100%. Estimativas de um governador americano do estado da Virgínia eram ainda maiores: o lucro com o tráfico de escravos variava de 600% a 1.200%. O destino mais lucrativo para os negreiros era o Brasil.

Portanto, não é por menos que o Brasil foi o campeão mundial da escravidão moderna, a dolorosa base de construção de nossa sociedade. Na véspera da Independência, em 1820, dois terços da população eram de escravos; de 1790 a 1830, o comércio de escravos representava dois terços de todas as importações brasileiras. Só nesse período, desembarcaram no Rio 700 mil africanos. O Rio de Janeiro foi a maior cidade escravista do mundo desde a Roma antiga.

Texto 2: Documento histórico - Relato do ex-escravo Mohammed Garbo Baquaqua, escrito em 1854.

Seus horrores, ah! Quem pode descrever? Ninguém pode retratar seus horrores tão fielmente como o pobre desventurado, o miserável desgraçado que tenha ali sido confinado. (...) Fomos arremessados, nus, porão adentro, os homens amontoados de um lado e as mulheres do outro. O porão era tão baixo que não podíamos ficar em pé, éramos obrigados a nos agachar ou a sentar no chão. Noite e dia eram iguais para nós, o sono nos sendo negado devido ao confinamento de nossos corpos. Ficamos desesperados com o sofrimento e com o cansaço.

Oh! A repugnância e a imundície daquele lugar horrível nunca serão apagadas de minha memória. Não. Meu coração até hoje adoece em pensar nisto.

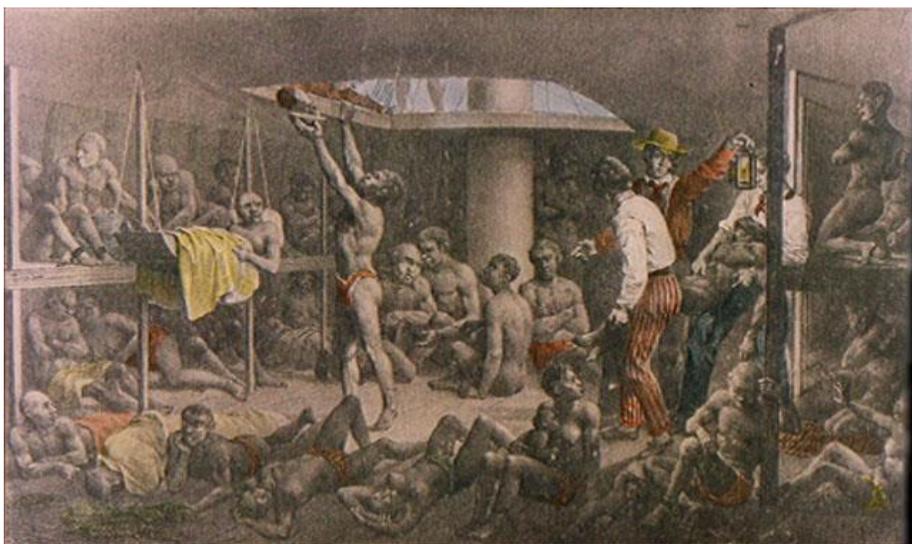
A única comida que tínhamos durante a viagem foi milho velho cozido. Não posso dizer quanto tempo ficamos confinados assim, mas pareceu ser muito tempo. Sofríamos muito por falta d'água, que nos era negada na medida de nossas necessidades. Um quartilho por dia era tudo que nos permitiam e nada mais. Muitos escravos morreram no percurso. Houve um pobre companheiro que ficou tão desesperado pela sede que tentou apanhar a face do homem que nos trazia água. Foi levado ao convés e eu nunca mais soube o que lhe aconteceu."

Quando qualquer um de nós se tornava rebelde, sua carne era cortada por uma faca e o corte esfregado com pimenta e vinagre para torná-lo pacífico (!). Como demais, fiquei muito mareado de início, mas nosso sofrimento não causou preocupação alguma aos nossos brutais donos. Nosso sofrimento era somente da nossa conta".

Atividade:

- 1) Explique, com suas palavras, os motivos que levaram a colônia brasileira a utilizar a mão de obra escrava e negra ao invés da mão de obra escrava indígena ou a assalariada.
- 2) Após ler o relato de Baquaqua sobre a travessia do atlântico num navio negreiro com o quadro "Navio Negreiro", observe o quadro "Navio Negreiro", do pintor alemão Johann Rugendas. Exemplifique diferenças e semelhanças entre as duas descrições. Observe a relação dos escravos com os homens brancos, o espaço disponível no navio, a disposição dos homens e mulheres e no que mais que você perceber.





1) Leia os dois trechos abaixo:

I) "Os estrangeiros das outras nações vêm para o Brasil arrastados pela necessidade de enriquecer. Já os africanos vêm porque seus bárbaros compatriotas os vendem (...) Nós damos a admissão à nossa família como compensação dos males que lhes temos feito. Nós não somos hoje culpados pelo comércio de negros; recebemos os escravos que pagamos, tiramos deles o trabalho que dos homens livres também tiramos, e damos-lhes o sustento e a proteção compatível com eles; está fechado o contrato."

Maciel da Costa, deputado por Minas Gerais, em discurso na Assembleia Constituinte de 1823.

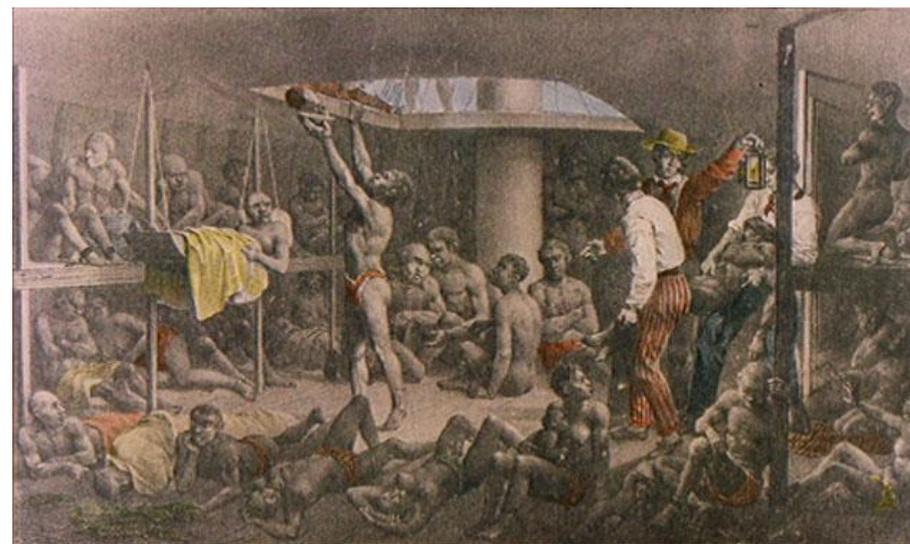
II) "O comércio de escravos é legal (...) pois aos africanos resultam melhoramentos, proveitos e maior felicidade. Primeiro porque estes bárbaros entram no centro do cristianismo e da verdadeira religião, bem que esse não seja o verdadeiro objetivo que mantém o comércio negreiro; Segundo, porque com esse resgate dos negros, evitamos a imensa mortalidade que aqueles miseráveis povos sofriam, principalmente na Guiné, em que também se incluíam os prisioneiros de guerra, pois se não fossem salvos, voltariam a ser alvo dos antigos sacrifícios"

Muniz Barreto, político baiano, em suas memórias escritas em 1817.

III) "Oh! Que os indivíduos que são a favor da escravidão, coloquem-se no lugar do escravo no porão barulhento de um navio negreiro, apenas por uma viagem da África à América (...). Se não saírem contrários à escravidão, então não tenho mais nada a dizer a favor da abolição. Caso não mudem seus sentimentos sobre o assunto, deixe-nos prosseguir e cumprir seu tempo trabalhando em um campo de algodão, arroz, ou outra plantação. Se não disserem pare, baste! acho que devem ser feitos de ferro, sequer possuindo corações ou alma."

Mohammed G. Baquaqua, ex-escravo que viveu no Brasil, Estados Unidos e Haiti.

- O texto I, de Maciel da Costa, é contrário ou a favor do tráfico de escravos? E quais os argumentos do autor para tal posição?
- O trecho II, de Muniz Barreto, é contrário ou a favor do tráfico de escravos? E quais os argumentos do autor para tal posição?
- O trecho III, de Baquaqua, é contrário ou a favor do tráfico de escravos? E quais os argumentos do autor para tal posição?
- Explique, com suas palavras, porque a visão do texto I e II é tão diferente da visão do texto III. Por fim, escreva sua opinião sobre os argumentos.



1) Leia os dois trechos abaixo:

I) "Os estrangeiros das outras nações vêm para o Brasil arrastados pela necessidade de enriquecer. Já os africanos vêm porque seus bárbaros compatriotas os vendem (...) Nós damos a admissão à nossa família como compensação dos males que lhes temos feito. Nós não somos hoje culpados pelo comércio de negros; recebemos os escravos que pagamos, tiramos deles o trabalho que dos homens livres também tiramos, e damos-lhes o sustento e a proteção compatível com eles; está fechado o contrato."

Maciel da Costa, deputado por Minas Gerais, em discurso na Assembleia Constituinte de 1823.

II) "O comércio de escravos é legal (...) pois aos africanos resultam melhoramentos, proveitos e maior felicidade. Primeiro porque estes bárbaros entram no centro do cristianismo e da verdadeira religião, bem que esse não seja o verdadeiro objetivo que mantém o comércio negreiro; Segundo, porque com esse resgate dos negros, evitamos a imensa mortalidade que aqueles miseráveis povos sofriam, principalmente na Guiné, em que também se incluíam os prisioneiros de guerra, pois se não fossem salvos, voltariam a ser alvo dos antigos sacrifícios"

Muniz Barreto, político baiano, em suas memórias escritas em 1817.

III) "Oh! Que os indivíduos que são a favor da escravidão, coloquem-se no lugar do escravo no porão barulhento de um navio negreiro, apenas por uma viagem da África à América (...). Se não saírem contrários à escravidão, então não tenho mais nada a dizer a favor da abolição. Caso não mudem seus sentimentos sobre o assunto, deixe-nos prosseguir e cumprir seu tempo trabalhando em um campo de algodão, arroz, ou outra plantação. Se não disserem pare, baste! acho que devem ser feitos de ferro, sequer possuindo corações ou alma."

Mohammed G. Baquaqua, ex-escravo que viveu no Brasil, Estados Unidos e Haiti.

- O texto I, de Maciel da Costa, é contrário ou a favor do tráfico de escravos? E quais os argumentos do autor para tal posição?
- O trecho II, de Muniz Barreto, é contrário ou a favor do tráfico de escravos? E quais os argumentos do autor para tal posição?
- O trecho III, de Baquaqua, é contrário ou a favor do tráfico de escravos? E quais os argumentos do autor para tal posição?
- Explique, com suas palavras, porque a visão do texto I e II é tão diferente da visão do texto III. Por fim, escreva sua opinião sobre os argumentos.